



SENADO FEDERAL

REQUERIMENTO

Nº 631, DE 2007

Requer Voto de Louvor ao aniversário de 90 anos de nascimento de Teotônio Vilela.

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,
Senador RENAN CALHEIROS,

Com fundamento no disposto no Art. 222 do Regimento Interno do Senado Federal, requero a Vossa Excelência a declaração de Voto de Louvor a **Teotônio Vilela**, por ocasião dos 90 anos de seu nascimento.

JUSTIFICAÇÃO

Teotônio Brandão Vilela nasceu em Viçosa, Alagoas, no dia 28 de maio de 1917, filho do proprietário agrícola Elias Brandão Vilela e de Isabel Brandão Vilela. Casou-se com Helena Quintela Brandão Vilela, com quem teve sete filhos.

Em 1954, Teotônio iniciou sua trajetória de vida pública como deputado estadual por Alagoas pela antiga União Democrática Nacional (UDN) e foi eleito vice-governador do mesmo estado no ano de 1960. Assumiu, em 1966, pela primeira vez, uma cadeira no Senado Federal, onde se destacou pelas duras críticas ao regime militar.

Ao ser reeleito, em 1974, condenou, veementemente, o AI-5 - medida imposta pelo governo militar que previa, entre outras ações autoritárias, a suspensão da imunidade parlamentar, o fim da estabilidade para os servidores públicos e do *habeas corpus* para acusados de delitos contra a segurança nacional. Ainda nesse ano, o Senador Teotônio iniciou uma campanha pública pela redemocratização do País.

Ingressou no MDB, no ano de 1979, ao anunciar que “estava chegando onde sempre estive”, deixando a Arena.

Vítima de câncer em 1982, Teotônio desligou-se da vida parlamentar, mas assumiu a vice-presidência do PMDB, para continuar na defesa da democracia. Faleceu em 27 de novembro, de 1983.

Tive a honra de expressar o meu sentimento sobre a figura ilustre de Teotônio Vilela na publicação “Grandes Vultos que Honraram o Senado”, editada pelo Senado Federal nos seguintes termos:

“Nada mais difícil do que traçar o perfil do Teotônio Vilela, apesar de ter convivido com ele durante tanto tempo, na resistência democrática e na luta pelos direitos mais fundamentais de todos os brasileiros. É que ele parecia transcendental. Ele inspirava algo de divino. Pudera, ele incorporava o poder de Deus até no próprio nome! Talvez seja por isso que o seu reino parecia não ser, também, deste mundo. Como alguém que encarnou, no seu tempo, a imagem do semeador, ele plantou idéias e exemplos. E não partiu para a eternidade sem, antes, ensinar todos os passos da colheita.

Talvez não fosse necessário regatar a sua biografia. Porque a vida dos verdadeiros amigos é transparente. Imagine-se, então, a dele, que dedicou a sua existência a todos os que pouco ou nada têm além da própria vida. Ele era onipresente. A dor do excluído era, para ele, sempre maior do que a de seus cânceres. E ele pregava que a fome, a miséria e a injustiça são tumores malignos, mas curáveis.

Suas muletas pareciam ser, na verdade, batutas. Como um maestro, dava o tom e marcava as entradas. Dos cárceres, dos templos invadidos pelos vendilhões e dos corações petrificados pelo ódio, pela discriminação e pela omissão.

Apesar de, ainda hoje, sentir a sua presença viva, como uma luz, eu, às vezes, imagino o Teotônio caminhando, no planalto do céu, de braços dados com o Ulysses, com o Trancedo, com o Pasqualini e com tantos outros. Parece-me, até, que nenhum deles está a desfrutar de merecido descanso. Porque eu também imagino que o Teotônio continua inquieto com o que está acontecendo nestas terras acidentadas do Brasil. Quem, como eu, tantas vezes caminhou ao seu lado, sabe que ele não descansará, nem no céu, pão na terra onde ele ensinou a plantar e a colher. Por isso, para o seu verdadeiro descanso eterno, ele quer a salvação de todos aqueles que ainda ardem no inferno da fome, da desnutrição, da miséria, da doença, do analfabetismo, da injustiça, da discriminação e da omissão.

Teotônio Vilela é outro nome de todas as ruas e praças deste País. Porque em todas elas ele fincou a sua bandeira da esperança. Ele dizia ser um homem de muita sensibilidade e de muita ilusão. E que “é preciso acreditar no amanhã, mesmo sabendo que, até lá, é preciso muito esforço e tenacidade. A gente sentir lá dentro que é capaz de ultrapassar a adversidade é uma forma de ilusão. É o meu caso. E não é uma coisa vã, desprovida de qualquer apoio, porque eu sinto isso. É problema de sensibilidade”.

Pois é, Teotônio Vilela não morreu, Deus lhe pediu um aparte!”

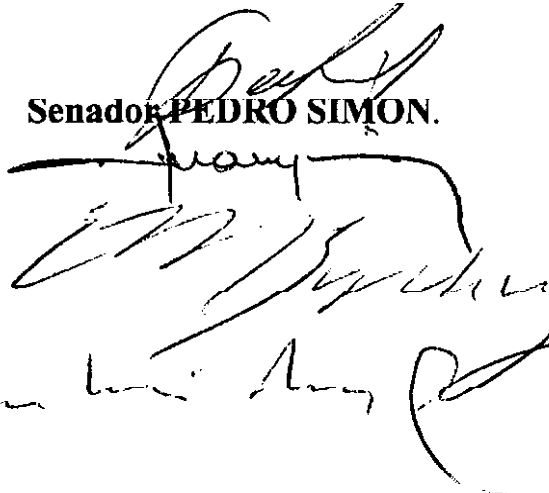
Sala das Sessões, 28 de maio de 2007.

Senador Efraim Morais

Senador Eduardo Suplicy ←

Senador Marco Maciel ←

Senador PEDRO SIMON.



Publicado no Diário do Senado Federal, de 29/5/2007.